Dia 21 — Santa Úrsula e Suas Companheiras, Virgens e Mártires

Martirológio Romano

A gloriosa morte de São Hilarião, abade, cuja vida cheia de virtudes e milagres escreveu São Jerônimo, em Chipre. (Veja-se sua vida entre as de amanhã.)

O martírio das santas Úrsula e suas companheiras, em Colônia; as quais foram martirizadas pelos hunos por causa da religião cristã e por conservar a virgindade; a maior parte de seus corpos foram enterrados em Colônia. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Astério, presbítero e mártir, em Óstia; o qual, segundo se lê no martírio de São Calisto, papa, foi martirizado no tempo do imperador Alexandre.

O martírio dos santos Dásio, Zótico, Caio e outros doze soldados, em Nicomédia; os quais, depois de muitos tormentos, foram submergidos no mar. (Pertenciam estes Santos a uma legião romana aquartelada em Nicomédia a fins do século III. Certo dia em que se celebrava grande festividade aos deuses, acenderam-se aqueles soldados de zelo e, atravessando a multidão, chegaram até os ídolos e os derrubaram fazendo-os em pedaços. Conduzidos ante o juiz, açoites, fogo, cruzes, cavalete, tudo se pôs em jogo para reduzir aqueles esforçados atletas; até que, vista a inutilidade da tortura, mandou o juiz arrojá-los ao mar com uma pedra atada ao pescoço de cada Mártir.)

São Malco, monge, em Maronia da Síria, junto a Antioquia.

São Viator, em Lyon, da França, clérigo de São Justo, bispo daquela cidade.

Santa Cilínia, também em Lyon, da França, mãe de São Remígio, bispo de Reims.

Santa Úrsula e Suas Companheiras, Virgens e Mártires

A memória de Santa Úrsula e suas companheiras foi tão célebre em toda a universal Igreja desde o fim do quarto século, a cujo tempo se assinala a época de seu glorioso martírio, que, tendo-se perdido a verdadeira história dele, a maior parte dos escritores tomaram a liberdade de substituir outra segundo o gênio particular de cada um, cheias pela maior parte de fatos fabulosos e de circunstâncias pouco verossímeis. A mais segura é a que se acha num manuscrito muito antigo que se conserva no Vaticano, e dele temos tirado nós a que vamos referir.

Nasceu Santa Úrsula pelo ano 362 na ilha da Grã-Bretanha, onde a religião cristã reinava à sazão na maior parte de suas províncias com esplendor e com fervor. Foi filha de Dionoto, rei de Cornualha, e de Daria, princesa em nada inferior a seu marido nem na nobreza do sangue nem no exercício da virtude, em que colocava todo o verdadeiro mérito. Sendo os pais tão virtuosos, desde logo reconheceram por uma de suas mais essenciais obrigações a cristã educação de sua filha, crescendo o cuidado com que se dedicaram a desempenhá-la à vista das belas prendas que quase desde o berço começaram a despontar na terninha Princesa. Em nenhuma menina se descobriu nunca nem entendimento mais brilhante nem natural mais feliz; enfim, tudo o que admira, tudo o que enamora e tudo o que enleva naquela terna idade, tudo se via unido na pequenina Úrsula. Um coração nobre, benéfico, generoso; um espírito vivo, desembaraçado, dócil; umas inclinações propensas todas à virtude e uma formosura tão peregrina que na idade de doze anos era já celebrada Úrsula por uma das princesas mais formosas de toda a Europa. A todas estas brilhantes qualidades acrescentava novo esplendor e novo lustre sua sobressaliente virtude. Sendo Úrsula de tão desembaraçado entendimento, necessariamente havia de descobrir a vaidade de todos os bens criados e o falso brilho de todas as grandezas do mundo. Este fundo de Religião com que o céu a havia prevenido desde sua infância ia aperfeiçoando cada dia mais e mais as luzes de sua razão e os movimentos de seu espírito, desestimando ela mesma aquela sua rara formosura que tanto celebravam os demais, por considerá-la como uma caduca flor que começa a murchar desde que começa a luzir. Por isso nunca foi de seu gosto o fausto, nem a ostentação, nem a magnificência, que nascem, digamo-lo assim, com as princesas. Desde seus primeiros anos compreendeu que em todos os estados devia ser a modéstia o mais belo ornamento de uma donzela cristã; e desprezando generosamente as mais lisonjeiras esperanças de seu alto nascimento, os mais afagadores atrativos da corte e os mais delicados incensos do geral aplauso, mal conheceu a Jesus Cristo quando desejou com apaixonado amor não ter nunca outro esposo. Nem o Salvador a havia prevenido com tantas e tão singulares graças senão para formar em Úrsula uma de suas mais queridas esposas, sendo a terna devoção que ele mesmo lhe havia inspirado a sua divina Mãe, a Virgem das Virgens, como ditoso presságio de que nunca perderia a flor da virgindade, à qual quis o Senhor também acrescentar a glória de Mártir.

Era general das tropas do imperador Graciano na Grã-Bretanha o tirano Máximo, por sobrenome Flávio Magno Clemente, o qual se fez proclamar imperador no ano de 382; passou o mar e desembarcou com todo o seu exército nas costas daquela parte das Gálias que se chamava

Armórica, isto é, marítima, e apoderou-se de toda ela. Um de seus oficiais-generais, chamado Conan, príncipe bretão e cristão de profissão, assinalou-se tanto naquela expedição por seu valor e por sua conduta que Máximo o fez governador da Armórica, a qual pouco depois se chamou menor Bretanha, quando Conan começou a mandá-la com o título de duque, que também se lhe conferiu. Estabeleceu o Duque sua residência na cidade de Nantes e deixou no país uma grande parte de tropas, composta quase toda de bretões ou de ingleses; e como não estava casado, determinou buscar uma mulher; em cuja eleição teve pouco em que deter-se, não ignorando as belas prendas de que Úrsula estava dotada, sua virtude e sua rara formosura. Enviou uma deputação ao rei de Cornualha, pedindo-lhe sua filha a Princesa para esposa; e como quase todos os senhores que o seguiam, oficiais e soldados, estavam também solteiros, encarregou aos deputados que juntamente com a Princesa trouxessem também da ilha todas as donzelas que pudessem para casá-las com eles. Foram recebidos do Rei com honra e, como tinha bem conhecido o mérito do Duque, ouviu com gosto a proposição que se lhe fez de sua parte e prometeu dar-lhe por esposa a Princesa sua filha; mas não lhe foi tão fácil lograr seu consentimento para esta aliança, ainda que tão vantajosa e ainda que Conan era um príncipe cristão, dono já e soberano de uma das províncias mais dilatadas e mais opulentas das Gálias. Eram diferentes os pensamentos de Úrsula; porque, educada na virtude e criada num grande conceito, amor e estimação da virgindade, ouviu com desgosto a proposição e não deu resposta a ela. Amava-a ternamente o Rei seu pai; mas sem embargo, parecendo-lhe que aquele matrimônio era muito vantajoso para ela e para ele, determinou valer-se de toda a sua autoridade para obrigá-la ao consentimento. Em vão lhe representou quanto lhe repugnava aquele estado e seu desejo de não conhecer outro esposo que o mesmo Jesus Cristo; nada puderam adiantar seus rogos nem suas razões nem suas lágrimas. Enfim, arrancou-lhe seu consentimento a rendida submissão que professava a seus pais, mas reservando-se a liberdade de apelar às ordens do mesmo Deus; e animada com uma viva confiança na bondade daquele divino Salvador, que desejava ardentemente ter por esposo, foi prostrar-se a seus pés e lhe suplicou que se dignasse admiti-la por esposa sua. «Bem sabeis Vós, divino dono meu (dizia Úrsula em sua fervorosa oração), bem sabeis Vós os mais íntimos afetos de meu pobre coração: as grandezas do mundo não o têm tentado jamais nem muito menos o têm podido deslumbrar todos os seus aparentes brilhos. Vós só sois o doce objeto de suas amorosas ânsias; Vós o único alvo a que se dirigem seus acesos projetos. Árbitro sois, dono sois de todos os sucessos da vida; facilmente podereis desbaratar todas as medidas dos homens, por concertadas que sejam. Não desprezeis, Senhor, meus humildíssimos rogos: dignai-vos tomar debaixo de vossa proteção a menor de todas as vossas escravas; dirigi tudo a minha salvação e a vossa glória, segundo vossa santa e divina vontade.»

Iam-se acalorando entretanto os preparativos para o embarque da Princesa e de todas as partes se havia juntado grande número de donzelas, as mais senhoras de distinção, que deviam acompanhar Úrsula, indo destinadas para esposas dos oficiais bretões. Quando tudo esteve prevenido para o embarque, Úrsula e suas companheiras passaram a Londres. Esperaram tempo favorável para fazer-se à vela e entretanto tinha Úrsula frequentes conversações com elas, falando-lhes pelo comum do falso brilho dos bens, honras e estimações desta vida, da insubstancialidade e aparência das grandezas do mundo, de sua caducidade e pouca subsistência; e como todas eram cristãs, deixava cair muitas vezes a conversação sobre a ventura daquelas felizes almas que não tinham outro esposo que Jesus Cristo.

A Santa possuía eminentemente todas aquelas prendas que enlevam, ganhando os corações; era em alto grau discreta e entendida; falava com graça e com formosura; era em extremo virtuosa e acompanhava todos estes grandes talentos com uma suavidade e com uma modéstia que verdadeiramente encantavam; com o que se fez tão dona da estimação e dos corações de todas aquelas donzelas que já todos os seus desejos e toda a sua ambição se reduzia a não querer amar a outro que só a Jesus Cristo. Nunca viu o mundo tanto número de donzelas juntas mais cristãs. Era Úrsula seu modelo e seus exemplos deixavam muito atrás suas palavras. Pôs-se enfim o vento favorável para fazer em breve tempo o trânsito da Inglaterra à Bretanha menor e embarcou-se toda aquela numerosa comitiva de santas virgens; mas Úrsula jamais perdia de vista a estrela que a guiava e, ainda que os ventos eram muito favoráveis para arribar em poucas horas às costas que buscavam, sempre conservou a esperança de ver cumpridos seus fervorosos desejos. Com efeito, mal perderam de vista as da Inglaterra quando se levantou uma furiosa tormenta que encheu de terror toda a esquadra, ameaçando-a com um funesto naufrágio. Não duvidou então Santa Úrsula de que Deus havia ouvido suas amorosas ânsias; estavam todas e todos numa silenciosa consternação e só Úrsula se mantinha serena, tranquila e distante de todo temor. «Ânimo, filhas minhas, dizia a suas companheiras com um ar e em um tom que manifestava visivelmente sua confiança e sua alegria; ânimo e nada temais. Servimos a um Deus e temos um esposo que manda aos ventos e aos mares; sacrifiquemos-lhe generosamente nossas vidas e deixemos os horrores da morte aos que têm a desgraça de não conhecê-lo; mas nós tenhamos confiança em sua grande misericórdia.»

Sossegou a todas as suas companheiras e ainda a toda a equipagem a intrépida segurança de nossa Santa; mas enfurecendo-se os ventos cada instante mais e mais e cedendo enfim os navios às tempestades, toda a esquadra foi arrojada para os mares do Norte, sobre as costas da Gália Bélgica. Abrigou-se Úrsula com sua ilustre tropa no porto de Tiel, para a embocadura do Reno, no país que se chama hoje ducado de Gueldres, e assegura-se que desde aqui, seguindo a corrente do mesmo Reno, navegou até Colônia, teatro do glorioso triunfo que o céu lhes tinha prevenido.

Noticioso o imperador Graciano do levantamento do tirano Máximo e informado de seu desembarque nas costas das Gálias, achando-se sem suficiente número de tropas para fazer-lhe resistência, chamou em seu socorro os hunos, nação bárbara da antiga Sarmácia que, tendo saído dos confins de seu país, se havia derramado por toda a Germânia, ocupando a longo as margens do Reno e estendendo-se até a Gália Bélgica. Eram naturalmente cruéis e ferozes e acrescentando-se a isto as superstições pagãs de que todos faziam profissão, levavam a desolação por todos os países onde punham o pé. Mandava a estes bárbaros seu general Gauno, que tinha então a campanha pelo imperador Graciano contra o tirano Máximo e, logo que descobriram navios bretões, inimigos do Imperador, atacaram-nos e apoderaram-se deles facilmente pelo curto número de soldados que os vinham escoltando. Não cabe em expressão quão surpreendidos ficaram ao ver que toda aquela frota só vinha carregada de donzelas cristãs, destinadas para ser esposas dos oficiais e dos soldados bretões, seus inimigos, e que era a principal de todas uma princesa, futura esposa do duque Conan, generalíssimo do exército de Máximo.

A mesma estranha aventura que tanto surpreendeu aos bárbaros descobriu a nossa Santa os segredos de uma particular providência, que a encheu de consolo e de alegria. Então conheceu Úrsula que haviam sido benignamente ouvidas suas amorosas ânsias e que, admitindo-a Jesus

Cristo por esposa sua, se dignava acrescentar à gloriosa palma de virgem a triunfante coroa de mártir. Animada de novo valeroso espírito e acesa em novo fervoroso zelo, passou a bordo de todos os demais navios, falou a todas as suas companheiras como heroína cristã; exaltou a preciosíssima pérola da virgindade, por cuja conservação deviam estar prontas a perder os bens e a vida; exortou-as com tanta graça, com tanta viveza e com tanta energia a derramar pela fé até a última gota de seu sangue que toda aquela ditosa tropa de virgens, convertido em gozo e alento o primeiro terror, consideravam já os bárbaros como ministros de sua ventura e só suspiravam pela gloriosa coroa do martírio.

Quis o general do exército ver Úrsula, cuja peregrina formosura lhe haviam louvado muito, e ficou tão cegamente prendado dela que não poupou diligência nem meio para rendê-la, para intimidá-la e para vencê-la. Mas a Santa lhe falou com tão cristã constância, com tanta resolução e com tanta majestade que, mudada em furor a brutal paixão daqueles bárbaros, arrojaram-se com espada em mão a todas aquelas virgens. A umas atravessaram com o aço, a outras com as flechas e a todas degolaram, passando todas a aumentar a corte do Cordeiro celestial, levando nas mãos a duplicada palma do martírio e da virgindade. Sucedeu este glorioso triunfo no dia 21 de outubro do ano 383, celebrando desde então a santa Igreja com grande solenidade a ilustre memória de Santa Úrsula e suas companheiras virgens e mártires. Seus corpos foram sepultados no território de Colônia, de onde se espalharam depois suas santas relíquias por toda a cristandade. Com o tempo fundou-se na Igreja uma célebre congregação de religiosas composta de donzelas e de viúvas que seguem a regra de Santo Agostinho sob o nome e a proteção de Santa Úrsula e por isso se chamam Ursulinas; estão todas sujeitas aos bispos. Não é ponderável a utilidade deste Instituto em benefício do público, não só pelos exemplos de religiosidade, de modéstia, de observância e de todas as virtudes que tanto edificam em todas as partes os fiéis, mas pela bela educação que se dá às meninas e donzelas mais adultas, instruindo-as com tanto zelo como caridade e feliz suceso, segundo o espírito de seu Instituto, que, não tendo degenerado um ponto de seu primitivo fervor, nunca teve necessidade de reforma. No ano de 1537 a bem-aventurada Ângela de Bréscia introduziu este Instituto na Itália; no de 1544 o aprovou Paulo III e no de 1572 o sujeitou à clausura e aos votos religiosos o papa Gregório XIII, a solicitação de São Carlos Borromeu, que sempre o teve muito dentro de seu coração. Madalena de l'Huillier, senhora de Sainte-Beuve, fundou as Ursulinas na França no ano 1611, sendo o primeiro convento o de Paris, de onde se estenderam com imensa utilidade por todo o reino. É verdade que já no ano de 1606 a madre Ana de Xainctonge, de Dijon, tão ilustre por sua eminente virtude como pelo zelo com que promoveu a cristã educação das ternas donzelas, havia fundado em Dole as Ursulinas do Franco-Condado, que, sem estar sujeitas à clausura, há mais de um século que são o assombro e a felicidade dos povos que logram a ventura de tê-las, sem que jamais tenham afrouxado nem na perfeição nem no primitivo fervor de seu sagrado Instituto, educando as meninas no mais puro espírito do cristianismo com o zelo que cada dia as cumula de novas bênçãos; edificando a tantos com sua exemplar modéstia como com aquela pontual observância que nunca se desmentiu e exercitando-se com indizível bem em todas as obras de caridade que se proporcionam a seu estado. Em breve tempo fez maravilhosos progressos esta ilustre congregação; pois em menos de trinta anos viu-se propagada em Dole, em Vesoul, em Besançon, em Saint-Hippolyte, em Arbois, em Porrentruy, em Gray, em Pontarlier, em Friburgo dos Suíços, em Lucerna, em Cléval e Ornans.

Santa Columbina, Virgem e Mártir, Outra das Companheiras de Santa Úrsula

O real mosteiro de Poblet, da Ordem Cisterciense, no arcebispado de Tarragona, possuía (antes dos últimos deploráveis sucessos que ocasionaram o saque e a destruição do dito magnífico mosteiro) o sagrado corpo da bem-aventurada virgem e mártir Santa Columbina, virgem e companheira no glorioso martírio de Santa Úrsula, cuja história precede. Sua festa não só a guardavam os religiosos daquele mosteiro, mas também muitos povos imediatos como Montblanc, L'Espluga de Francolí e Vimbodí, por voto particular que fizeram seus vizinhos antigamente, porque, tendo acudido a esta Santa com devoção nas necessidades de seca, abriu Deus por intercessão dela em diferentes ocasiões as nuvens e choveu copiosamente. Fazia-se comemoração à parte na missa no próprio dia depois da coleta de Santa Úrsula e suas companheiras e dizia-se assim: «*Indulgentiam nobis, Domine, beata Columbina virgo et martyr imploret, quæ tibi grata semper extitit, et merito castitatis, et tuæ professione virtutis. Per Dominum nostrum*, etc.» (Alcance-nos, Senhor, o perdão a bem-aventurada Columbina, virgem e mártir, que sempre vos foi agradável pelo mérito da castidade e pela profissão de vossa virtude.) Ignoramos se as relíquias de Santa Columbina desapareceram na geral devastação do referido mosteiro, célebre e dignísimo monumento que nos legaram nossos piedosos avós, ou se talvez foram recolhidas por alguma mão piedosa das cercanias.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Úrsula e suas companheiras, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, Domine Deus noster, sanctarum virginum et martyrum tuarum Ursulæ et sociarum ejus palmas incessabili devotione venerari, ut quas digna mente non possumus celebrare, humilibus saltem frequentemus obsequiis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor Deus nosso, que nos concedais a graça de que veneremos com terna e contínua devoção os triunfos das santas virgens e mártires Úrsula e suas companheiras, para que, já que não podemos honrá-las como merecem, lhes tributemos ao menos nossos humildes obséquios. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 7 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 7,25-34

> **Latim:** 25 De virginibus autem præceptum Domini non habeo : consilium autem do, tamquam misericordiam consecutus a Domino, ut sim fidelis. 26 Existimo ergo hoc bonum esse propter instantem necessitatem, quoniam bonum est homini sic esse. 27 Alligatus es uxori ? noli quærere solutionem. Solutus es ab uxore ? noli quærere uxorem. 28 Si autem acceperis uxorem, non peccasti. Et si nupserit virgo, non peccavit : tribulationem tamen carnis habebunt hujusmodi. Ego autem vobis parco. 29 Hoc itaque dico, fratres : tempus breve est : reliquum est, ut et qui habent uxores, tamquam non habentes sint : 30 et qui flent, tamquam non flentes : et qui gaudent, tamquam non gaudentes : et qui emunt, tamquam non possidentes : 31 et qui utuntur hoc mundo, tamquam non utantur : præterit enim figura hujus mundi. 32 Volo autem vos sine sollicitudine esse. Qui sine uxore est, sollicitus est quæ Domini sunt, quomodo placeat Deo. 33 Qui autem cum uxore est, sollicitus est quæ sunt mundi, quomodo placeat uxori, et divisus est. 34 Et mulier innupta, et virgo, cogitat quæ Domini sunt, ut sit sancta corpore, et spiritu. Quæ autem nupta est, cogitat quæ sunt mundi, quomodo placeat viro.

Português: 25 Quanto porém às virgens, não tenho mandamento do Senhor: mas dou conselho, como quem do Senhor tem alcançado misericordia, para ser fiel. 26 Entendo pois que isto he bom por causa da instant necessidade, porque he bom para o homem o estar assim. 27 Estás ligado á mulher? não busques soltura. Estás livre de mulher? não busques mulher. 28 Mas se tomares mulher, não peccaste. E se a virgem se casar, não peccou: todavia os taes padecerão tribulação da carne. E eu quizera poupar-vos a ella. 29 Isto finalmente vos digo, irmãos: O tempo he breve: o que resta he, que não só os que tem mulheres, sejam como se as não tivessem: 30 mas tambem os que chorão, como se não chorassem: e os que folgão, como se não folgassem: e os que comprão, como se não possuissem: 31 e os que usão d'este mundo, como se d'elle não usassem: porque a figura d'este mundo passa. 32 Quero pois que vós vivais sem inquietação. O que está sem mulher, está cuidadoso das cousas que são do Senhor, de como ha de agradar a Deos. 33 Mas o que está com mulher, está cuidadoso das cousas que são do mundo, de como ha de dar gosto a sua mulher, e anda dividido. 34 E a mulher solteira, e a virgem, cuida nas cousas que são do Senhor, para ser santa no corpo, e no espírito. Mas a que he casada, cuida nas cousas que são do mundo, de como agradará ao marido.

Reflexões

No tocante às virgens, não tenho sobre isto preceito do Senhor. Não quis o Senhor impor preceito às donzelas de que lhe consagrassem sua virgindade; quer que suas esposas se entreguem a ele voluntariamente por eleição e por amor; mas sempre quer esposas fiéis, vigilantes e prevenidas. O descuido, a negligência em matéria de Religião e no negócio da própria salvação sempre é loucura. Não dá outro nome o Salvador ao descuido daquelas virgens, por outra parte irrepreensíveis no ponto da virgindade que professavam. Ainda que eram muito louváveis pelo desejo que todas tinham de receber o divino Esposo; pela ansiosa solicitude com que queriam à mesma meia-noite sair a buscar azeite para encher as lâmpadas que se estavam apagando; com tudo isso foram virgens loucas ou néscias por não estar prevenidas e por estar dormindo quando deveriam velar. Bela lição; mas terrível para aquelas pessoas religiosas que, depois de haver sacrificado a Deus sua virgindade, sua mesma liberdade e tudo o mais precioso que gozavam no mundo; isto é, depois de haver feito por Deus o mais penoso, o mais árduo e o maior, se descuidam no mais fácil, no menos trabalhoso e nas coisinhas que lhes pede o mesmo Deus, quebrantando sem escrúpulo a maior parte de suas regras, muito satisfeitas porque estão bem resolvidas a não faltar no essencial, que obriga sob culpa grave; mas essas almas negligentes, tíbias, inobservantes; essas almas que dormitam e até se dormem no serviço de Deus; essas almas que, conhecendo muito bem que lhes falta o azeite, que suas lâmpadas se podem apagar, fazem a conta de que terão tempo para dar providência a tudo; estas almas, digo, serão cordatas, serão discretas, serão prudentes? Não arriscarão em coisa alguma sua salvação? Não se porão a perigo de clamar em vão à hora da morte: «Abre-nos!»; e de que se lhes responda: «Não vos conheço»? Aquelas virgens não estavam mortas, só estavam dormidas. Ah, Senhor, e quantas pessoas religiosas também o estão! Aquelas almas frouxas e imperfeitas que fazem pouco caso das pequenas obrigações de seu estado, que conservam na Religião o espírito do mundo, que se derramam tanto para fora, que têm tão pouco fervor e tão pouca devoção: estas almas, estas pessoas serão virgens prudentes?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso traz «x1» e remete à página do dia 15 de outubro).

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et

> dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da pouca sinceridade que se acha na vontade que têm de salvar-se a maior parte dos cristãos

Primeiro ponto

Considera que ninguém há que não pretenda ter vontade de salvar-se; mas quão poucos há em quem seja sincera essa imaginária vontade! Não há pecador tão endurecido que não diga alguma vez na vida que se quer converter. Não há religioso tão tíbio que não lhe pareça que quer em algum modo chegar à perfeição. Não há cristão tão imperfeito que alguma vez não faça ânimo de trazer uma vida mais ajustada; porque não há homem tão insensato nem tão inimigo de si mesmo que se queira perder, e ninguém ignora que é querer-se perder o não querer-se converter. Mas o que se contenta com dizer que se quer salvar, sem aplicar os meios para consegui-lo, no máximo mostra que tem pensamento, mas de nenhum modo acredita que tenha vontade de fazê-lo. Não é difícil ter horror ao inferno. Pouca fé, pouco entendimento é mister para que as grandes verdades da Religião aterrem e convençam, para que efetivamente movam. Sobre este pé imagina-se

convertido o que está persuadido de que é preciso converter-se; mas está por isso mais adiantado? Consultemo-lo com nós mesmos; muitas vezes temos resolvido trabalhar seriamente no importante negócio de nossa salvação, já à vista de uma morte, já com a notícia de algum acidente funesto, já depois de uma meditação, já ao sair de um sermão, já tendo lido algum livro eficaz, enérgico e convincente. Muitas vezes temos resolvido mudar de vida, temos concluído que era preciso reformar-nos. Mas e bem; depois de uma vontade, ao parecer tão descoberta e por então tão determinada, temos sido melhores? Um pouco de boa educação e um pouco de bom juízo bastam para aborrecer o vício e para fazer estimação da virtude: mas é visível que nestes ditames ou nestes movimentos, digamo-lo assim, como naturais, tem mais parte o entendimento que a vontade e é muito de temer que, se alguma vez se formam na vontade certos impulsos de aversão ao mau e certos ímpetos de amor ao bom, aquela aversão seja um mero desgosto das más consequências que traz o vício consigo; e que este amor seja não mais que uma simples estimação, uma complacência natural na virtude, sem o menor desejo eficaz em ordem à salvação. Certamente é abuso, é ilusão fiar-nos destas meias vontades. Não nos hão de julgar pelos bons ditames que tivemos, mas pelas boas obras que houvéssemos executado. Cheio está o inferno de gente que se quis salvar; mas o quis como o querem os mais e como nós o temos querido até aqui.

Segundo ponto

Considera quão ilusórias são estas boas vontades, em ordem à salvação. Não queremos condenar-nos; mas há acaso no inferno nem um só condenado que se houvesse querido condenar? Que diríamos de um enfermo que se contentasse só com querer sarar? Ninguém há certamente que não o queira; mas se o tal enfermo com toda a sua imaginária vontade não quisesse aplicar remédio algum; se não fizesse outra diligência que pensar em que é boa coisa ter saúde, sem mover-se a praticar meio algum para recobrá-la; que juízo se faria dele? Pois tais são esses homens que se contentam com querer-se salvar; mas sem aplicar meio algum eficaz para salvar-se. Quê, bastará para salvar-se um o dizer que se quer salvar ou, por melhor dizer, será verdadeiramente querer só o pensar que é mister salvar-se? Se o céu se nos desse a este preço, que desalmado deixaria de ocupar sua cadeira nele? Não parece possível encontrar no cristianismo homens tão cegos que estejam neste erro; mas não experimentamos que estamos nele nós mesmos? Queremos salvar-nos? Bem; e que meios aplicamos para salvar-nos? Uma vida tão tíbia, tão imperfeita como a nossa, é meio eficaz para este fim? Os Santos tiveram vontade de ser Santos; trabalharam por sê-lo e saíram-se com isso; cotejemos o que nós fazemos com o que eles fizeram para consegui-lo e vejamos depois se temos valor para dizer que nossa vontade é tão sincera como a sua. Comparemos suas devoções, suas penitências, a pureza de seus costumes, a regularidade de sua conduta com a nossa e acharemos (santo Deus!) que espantosa desproporção, que horrível diferença.

Efeitos são, Senhor, estas reflexões de vossa infinita misericórdia; não permitais que sejam inúteis para meu proveito. Resolvido estou, mediante vossa divina graça, a não medir a sinceridade de meus desejos senão pela eficácia dos meios que aplicarei para pô-los em prática.

Jaculatórias

Conheço, Senhor, que não há paz nem salvação senão para aqueles que têm vontade séria e sincera de salvar-se. (Lc 1.)

Dai-me, Senhor, um coração novo e verdadeiramente reto em ordem a minha salvação. (Sl 50.)

Propósitos

1. O que quiser fazer verdadeiro juízo da vontade de salvar-se que todos imaginam ter não tem mais que compará-la com a vontade que tem um enfermo de recobrar a saúde, um mercador de fazer fortuna, um oficial de adiantar-se; e com a que nós mesmos temos algumas vezes de sair com uma empresa em que estamos muito empenhados. Tem horror um pobre enfermo a certos medicamentos desagradáveis, amargos, dolorosos; mas o médico lhe diz que é necessário, que é eficaz. Isto lhe basta, não delibera, ao ponto o toma apesar de sua repugnância e de seu horror. Concebe um comerciante que lhe é forçoso uma viagem para fazer um grande negócio, para dobrar o cabedal, para aumentar o comércio; nada o detém, pátria, parentes, amigos, tudo abandona; expõe-se a todas as incomodidades e a todos os perigos, porque quer fazer fortuna. E o oficial que deseja adiantar-se na carreira das armas, que sacrifícios não faz de sua saúde e de sua vida? Compara a vontade que tens de salvar-te com todas estas vontades e por aqui julgarás se é verdadeiramente sincera.

2. Desde hoje hás de procurar poder dizer com verdade que desejas sinceramente salvar-te, aplicando com eficácia os meios. Tens algum mau costume que ponha a perigo tua salvação? Tira-o desde este mesmo dia. Tens que fazer alguma restituição? Não a dilates um só ponto; começa desde logo a pagar, se não podes do todo, ao menos alguma parte, com firme resolução de satisfazer quanto antes toda a dívida. Há necessidade de alguma reforma em teus costumes, em teus móveis, em tua conduta? Não o dilates para amanhã.

Enfim, mãos à obra; de maneira que ao fim do dia possas dizer: eu me quero salvar, e esta ou aquela é boa prova disto.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:51 by Admin